

As (re)interpretações contemporâneas do trágico em matérias jornalísticas: similitudes e disparidades em relação a concepção grega clássica

José Carlos Viana Júnior¹
João Rafael Gomes de Moraes²

A tragédia e a sátira são irmãs e estão sempre de acordo; consideradas ao mesmo tempo recebem o nome de verdade.

Fiodor Dostoievski

Resumo

O conceito de tragédia surgido na Grécia Antiga representava um tipo de concepção de mundo. Desde então, o termo foi absorvido por diversas sociedades posteriores e em seus respectivos meios de comunicação. Neste sentido, o objetivo deste artigo é investigar o significado atribuído ao conceito de tragédia nas matérias jornalísticas contemporâneas buscando similitudes e disparidades em relação ao sentido clássico. Adotamos a metodologia qualitativa de caráter exploratório com a coleta de dados e análise de conteúdo baseada na pesquisa de documentos *online* através de dois portais virtuais de jornais pernambucanos. A primeira parte da pesquisa é composta pela introdução, seguida pelo estudo da origem da tragédia na Grécia Antiga. Na terceira parte buscamos nas ciências sociais (re)interpretações possíveis do termo. Na quarta parte investigamos como emerge o trágico nas peças jornalísticas. E por último, realizamos as considerações finais sobre o estudo.

Palavras-chaves: Tragédia, Sociedade, Comunicação.

The contemporary (re)interpretations of the tragic in newspaper articles: similarities and disparities in relation to the classical Greek conception

Abstract

The concept of tragedy that emerged in Ancient Greece represented a kind of worldview. Since then, the term has been absorbed by several later societies and in their respective media. In this path, the objective of this article is to investigate the meaning attributed to the concept of tragedy in contemporary journalistic matters seeking similarities and disparities in relation to the classical sense. We adopted the qualitative methodology of exploratory disposition with the data collection and content analysis based on the search of online documents through two virtual portals of Pernambuco newspapers. The first part of the research is composed by the introduction, followed by the study of the origin of the tragedy in Ancient Greece. In the third part we search in the social

¹ Mestrando e bolsista CNPQ do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE), licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: zecaviana@gmail.com.

² Mestrando e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE), bacharel em Ciências Sociais (ênfase em sociologia rural) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: joao.rafael@yahoo.com.br.

* Agradecemos a leitura e as sugestões de aperfeiçoamento realizadas pela equipe editorial da Revista Praça.

sciences possible (re)interpretations of the term. In the fourth part we investigate how the tragedy emerges in journalistic pieces. And finally, we made the final considerations about the study.

Keywords: Tragedy, Society, Communication.

1 – Introdução

A dimensão trágica vem sendo continuamente incorporada e reinterpretada no decorrer da experiência histórica e social humana, sendo caracterizada por profundas modificações paradigmáticas desde a antiguidade clássica até as atuais interpretações contemporâneas dadas ao conceito de “tragédia”. Através da linguagem coloquial e jornalística parecemos entender sem maiores problematizações o significado do termo quando empregado socialmente através da mídia de massa em geral (jornais, *blogs*, revistas, canais de TV, canais de *YouTube*, etc.), relatando fatalidades e desastres que envolvem a sociedade, o meio ambiente, assim como o uso da violência individual e institucional. Mas, certamente, o entendimento do trágico na experiência existencial humana na antiguidade clássica guarda profunda dessemelhança com o que entendemos hoje como tragédia. O que ainda se mantém dessa dimensão na contemporaneidade? A concepção clássica do termo ainda seria passível de apreensão através de peças jornalísticas? Poderia então o indivíduo contemporâneo experienciar o trágico em uma sociedade altamente especializada e institucionalizada? Como a dimensão trágica se apresenta em uma sociedade que há muito se desconectou do sentido clássico do termo?

Nesse contexto, o objetivo do presente artigo é investigar o significado atribuído ao conceito de tragédia em matérias jornalísticas contemporâneas, buscando similitudes e disparidades em relação ao sentido clássico do termo. Desta forma, adotamos a metodologia qualitativa de caráter exploratório para o estudo do objeto proposto. A coleta de dados se deu através de documentos *online* (FLICK, 2009, p. 230-253), que em nosso caso, foram matérias jornalísticas publicadas nos portais virtuais de notícias do Jornal do Commercio e do Diário de Pernambuco no período de 01 à 31 de outubro de 2018. O critério utilizado para a seleção das notícias foi a ocorrência do termo “tragédia” em cadernos, títulos, subtítulos e no corpo do texto das citadas peças. A partir desse critério, coletamos quinze matérias, sendo sete do Jornal do Commercio e oito do Diário de Pernambuco. Na etapa seguinte realizamos a análise de conteúdo fundamentada em regras de classificação visando a criação de categorias apropriadas (JANIS, 1982) para o agrupamento das matérias selecionadas.

A exposição do presente estudo será realizada em cinco seções. A primeira é composta por essa introdução. Na segunda seção investigamos a origem do conceito de tragédia no teatro, nas manifestações religiosas e no universo cívico grego clássico. Na seção seguinte, analisamos como as ciências sociais vêm (re)interpretando o termo dentro de algumas abordagens sociológicas. Na quarta seção, investigamos como emerge o conceito de tragédia em matérias jornalísticas contemporâneas, realizando paralelos semânticos e contextuais com a interpretação grega do termo. E por último, realizamos as considerações finais sobre o estudo.

2 – A perspectiva trágica na Grécia Antiga

O nascimento da tragédia (do grego antigo τραγωδία, composto de τράγος, "bode" e ᾠδή, "ode", "canto") na antiguidade clássica mantém uma íntima relação com o pendor ao descomunal, ao mundo metafísico suprassensível e aos rituais e festejos religiosos. O tema da finitude inexorável, da fragilidade existencial humana em relação ao destino (μοῖρα), e aos joguetes dos deuses, é recorrente nas peças ficcionais que resistiram aos séculos. Porém, não era de todo incomum figurar nas tragédias temas de fundo político, revelando a atualidade social de Atenas à época. Não raro, eram relacionados crimes e assassinatos engendrados por tiranos, assim como abusos de poder político.

A figura do herói que luta contra seu próprio destino embalava plateias extasiadas e catárticas nos antigos teatros gregos. Tendo como base principal a reinterpretação de antigos mitos, a prática do sacrifício e os concursos teatrais realizados nas festas jônicas de caráter cívico-religioso conhecidas como Dionísias Urbanas e Rurais - onde participavam igualmente estrangeiros (metecos), escravos e mulheres - de fato, em toda parte onde a tragédia figura como expressão ficcional do teatro grego, a presença do deus Dionísio e do coro ditirâmico é vetor para a complexidade da manifestação trágica na antiguidade. Mitologicamente tendo sido criada pelos sátiros - entidade metade humana e metade bode - que acompanhavam o deus em orgias etílicas banhadas por vinho, a tragédia ganha o sentido festivo frente à finitude humana, daí resultando o neologismo *tragosoidé*, ou a "música dos bodes". Mesmo guardando lacunas obscuras e centenas de obras perdidas, a análise da experiência trágica dos gregos guarda abrigo em peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. As manifestações de festas trágicas em homenagem ao deus do êxtase e do vinho Dionísio remontam aos séculos anteriores - já que os relatos míticos se apresentavam em tradições orais - somente passam a figurar em peças escritas a partir do século VI a.C. Mesmo que mantendo uma unidade literária e técnica (ainda que longe de manter uma unidade mítico-canônica)

essas peças sofreram muitas modificações entre as várias versões que chegaram até nós. Muitas são, inclusive, bastante distintas umas das outras e em relação às narrativas originais.

Segundo Trabulsi (2004) os mitos estavam presentes em praticamente todas as ações do cotidiano ateniense: a mitologia se fazia presente em cerimônias religiosas, nas obras literárias, na música, na cerâmica, na ginástica, na escultura, na pintura, ou seja, em praticamente todos os conhecimentos partilhados socialmente. Sua penetração na sociedade democrática grega era de tal maneira que, segundo Andrade (2013), o deus Dionísio tinha grande adesão nas classes mais baixas e pobres, gozando de um *status* de divindade cívica. Vale lembrar que um dos mais basilares textos que servia de guia formativo, moral e educacional para os gregos, a *Ilíada*, já guarda em si aspectos trágicos em relação aos heróis épicos - como por exemplo Heitor e Aquiles - em passagens onde a morte se abate durante a guerra de Tróia, levando em consideração a altivez e dignidade dos personagens mesmo em situações de morte traçadas pelo destino.

De fato, notamos que o entendimento e a experiência na antiguidade clássica sobre o termo “tragédia” está longe de figurar o sentido vulgar que podemos ter na contemporaneidade relacionado à simples desgraça, catástrofe e ao mau agouro. O que entendemos por tragédia através de estudos filológicos e artísticos remete à uma gama de fenômenos sintetizados através de peças teatrais resultado de festividades dionisiacas. Algo similar ao que acontece contemporaneamente com o *Dia de Los Muertos*, no México. Porém podemos pensar através de Puppi (1981, p.41) que a tragédia guarda - mesmo em sua forma ficcional - algum grau de denúncia em relação a uma violência institucional. Seja baseada nos deuses gregos, no destino (*μοῖρα*) ou na própria sociedade materializada por instituições sociais, governos, normas, leis morais e cívicas. É importante notar que a tragédia é marcada pela figura do herói, que protagoniza um papel fundamental pela sua postura nobre, de altivez moral e elevada dignidade perante ao destino inexorável que se apresenta: a morte. Ao encarar o terror (*φόβος*) e experimentar a piedade (*ἔλεος*), a plateia teatral se compraz em um movimento de catarse (*κάθαρσις*) coletiva perante a experiência trágica do herói. Na *Poética*, Aristóteles escreve:

A tragédia é a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da acção e não da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões. (ARISTÓTELES, 2007, p. 47)

Nesse sentido, a tragédia teatral não era entendida como algo puramente negativo, pelo contrário, era a representação da grandiosidade de espírito e resiliência de um determinado herói arquetípico perante o destino cruel e inexorável que lhe espera. É possível, inclusive fazer uma releitura conceitual através de diversas obras ficcionais ou biográficas que apresentam os requisitos literários e técnicos apontados por Aristóteles em uma tragédia, como por exemplo, o Novo Testamento da Bíblia, onde Jesus Cristo, enquanto personagem principal, mantém características de um herói trágico que já conhece o seu destino antecipadamente, mas cumpre sua tarefa com altivez e grandiosidade de espírito, causando catarse pública onde quer que seja teatralizado. Assim, a tragédia funcionava para o povo grego como um simulacro ficcional da essência de emoções humanas que pode ser sistematizado literariamente através de uma determinada arte/técnica (τέχνη) teatral e literária trágica. Ao contrário da interpretação contemporânea sobre a fetichização das imagens – onde os símbolos exercem mais poder e parecem ser mais “reais” do que a própria realidade subjacente –, os gregos tinham na imitação (μίμησις) teatral, a representação de uma realidade original. Na música, pintura, escultura e teatro buscavam através da imitação reproduzir as interações sociais e religiosas das emoções humanas em sua essência. A mimese poderia ser utilizada através da técnica para simular um plano metafísico e suprassensível – como as imagens e vontades dos deuses através de estátuas, músicas, pinturas, etc., – porém, a realidade originária das entidades em si mesmas era sempre ontologicamente superior às próprias imagens representadas. Ou seja, as imagens tinham papel de representação e imitação ontologicamente inferior e não eram entendidas como a própria realidade *per se*. Assim é possível considerar que “imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros vivos, pois, de todos, é ele o mais imitador, e por imitação apreende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado” (ARISTÓTELES, 1994, p. 106).

Nesse sentido a experiência existencial e social humana para a sociedade grega na era clássica se revelava através de um mistério de fundo religioso que parecia ultrapassar as vontades individuais e sociais, residindo no íntimo de uma relação humana com os deuses imortais do Olimpo que participavam junto com o destino inexorável e final do homem: a morte. Os gregos acreditavam que a vida continuava após a morte. A alma (anima) se apresentava indestrutível e habitaria o mundo subterrâneo governado por Hades (Ήιδης). O orfismo tinha uma grande penetrabilidade em todas as classes e a metempsicose (μετεμψυχωση) – ou, transfiguração da alma – já era uma doutrina difundida por Pitágoras, provavelmente influenciado pelos egípcios. Para o guerreiro grego, pior do que morrer, era simplesmente morrer. Ou seja, morrer sem ter como objetivo uma causa nobre como uma guerra, por exemplo. Nesse sentido, estamos apoiados

teoricamente em uma problematização nietzschiana presente na obra *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, que aponta a tradição grega como uma tradição trágica; um modo de vida com pendor ao descomunal. Ou seja, uma superação do pessimismo diante da finitude humana. Assim, para os gregos da antiguidade, as desgraças e flagelos não eram tidos puramente como uma ação direta do fazer humano e da própria sociedade, mas antes, de forças supra-humanas que agiam sobre ela.

Dessa forma, podemos identificar o conceito de tragédia como uma representação artística e religiosa onde o canto de dignidade - ou a música dos bodes - era entoado frente ao destino inexorável e implacável preparado por forças suprassensíveis ao todo social da cidade. Na tragédia, o *principium individuationis* do indivíduo social é rompido; o homem não é mais parte desta ou daquela sociedade, deste ou daquele grupo, mas, uma força da natureza amparada pelo deus Dionísio que é a representação religiosa dessa quebra social de regras ou valores nas celebrações teatrais orgásticas dionisiacas. Tais manifestações também eram conhecidas como as “beberagens das bruxas” como citadas por Nietzsche:

Quase por toda parte, o centro dessas celebrações consistia numa desenfreada licença sexual, cujas ondas sobrepassavam toda vida familiar e suas venerandas convenções; precisamente as bestas mais selvagens da natureza eram aqui desajaçadas, até alcançarem aquela horrível mistura de volúpia e crueldade que a verdadeira “beberagem das bruxas” sempre se me afigurou ser (NIETZSCHE, 1991, p. 33).

Vemos aqui que o conceito clássico de tragédia tinha na ficção poética do gênero teatral – principalmente com a releitura trágica dos mitos – bases conceituais nas figuras “reais” dos deuses e do destino como a causa de um jogo onde o humano individual e a sociedade não tinham poder de escolha sobre as condições da própria vida. Dionísio, representando uma amorfia irracional, se distanciava dos contornos apolíneos da justa medida e da razão. A violência instituída e institucionalizada pelos deuses e pelo destino – e em alguns casos por figuras tirânicas que podiam representar forças malignas – detinham posse do seu uso. A tragédia é uma denúncia desse lado irracional da existência humana, de certa forma, uma denúncia contra a violência de instituições sociais. A ideia de um destino imutável retirava das relações sociais qualquer peso de culpabilidade por parte do herói e mesmo dos outros personagens da peça teatral. Podemos fazer essa análise em Édipo Rei, de Sófocles. Por mais que o herói tentasse se afastar do destino, mais ele se costurava a sua própria desgraça. A vontade era, em última análise, dos deuses e do destino.

Nesse sentido, a peça trágica seria um resultado, uma superfície de um fenômeno que parece se esconder nas estruturas sociais do povo grego, como uma denúncia à violência institucional. Corroboramos com Puppi (1981, p.41) quando diz que “a situação configurada pelo conceito do trágico tem sua causa e origem na estrutura do poder”. Ora, a catarse ocorre no espectador que se coloca diante da violência, da injustiça e da aniquilação experimentada pelo herói. Assim, através da catarse produzida pela tragédia, o espectador acessa “o oculto princípio da geração e da corrupção de todos os seres naturais e a própria realidade enquanto se realiza” (ARISTÓTELES, 2007, p. 17). Nessa direção, seria possível traçar um paralelo da percepção trágica contemporânea quando recebemos notícias de grandes desgraças sociais e ambientais através dos meios de comunicação? Ou ainda, quando somos colocados diante de injustiças que resultam em mortes através catástrofes? Ainda seria possível pensar em um certo tipo de compaixão, expurgo e catarse de sentimentos humanos relacionados à violência e a estrutura de poder responsável por essa forma de violência? Um possível caminho para compreender o lugar da experiência trágica na contemporaneidade é a denúncia da violência estrutural, institucional e urbana, através da utilização do termo “tragédia” em veículos de grande penetrabilidade e circulação, tais como os meios de comunicação de massa.

3 – Uma interpretação do trágico pelas Ciências Sociais

Desde sua gênese, as ciências sociais sofrem influência de uma cultura trágica, seja em sua matriz clássica, seja como fruto do Romantismo dos séculos XVIII e XIX. Segundo Freire (2018), os círculos intelectuais e artísticos do período pós-kantiano na Alemanha discutiam a tragédia sobre dois prismas: da arte trágica e da teoria do trágico. Nessa perspectiva o autor propõe uma distinção entre os termos “tragédia” e “trágico”. O primeiro trata-se de um gênero literário que se inicia na Grécia antiga e que influencia a arte e a cultura ocidental desde então. O segundo, trata-se de um evento calamitoso envolvendo situações de destruição e mortandade.

Dessas duas correntes de pensamento, a teoria do trágico foi a que mais influenciou as teorias sociológicas alemãs, contidas, principalmente, nas interpretações sobre o desenvolvimento da cultura moderna e o desenvolvimento do capitalismo. A influência dos círculos intelectuais aliada ao “contato com as vanguardas artísticas são, sem dúvida, fontes das quais Simmel e Weber absorveram um ponto de vista trágico sobre o desenvolvimento histórico e as ações humanas” (FREIRE, 2018, p. 217). Essa influência torna-se visível em Simmel quando este formula o

conceito de “Tragédia da Cultura” como forma de expressar a contradição e a ambivalência do desenvolvimento da cultura moderna. Esse conceito traz em seu cerne a compreensão de que:

Os processos sociais e históricos que produziram as pré-condições para uma individualidade mais diferenciada comprometem por forças internas a eles mesmos a individualidade tornada possível. O dinheiro, a divisão do trabalho e a urbanização são produtos das forças que provêm da capacidade de criar dos próprios indivíduos, mas que, contudo, voltam-se contra eles mesmos e seus anseios (FREIRE, 2018, p. 230-231)

Para Max Weber, a influência trágica fica evidente na autocontradição da ação humana; ou seja, a tragédia se apresenta enquanto ruptura cotidiana de uma determinada época. Assim, em seu pensamento, essa vivência se materializa no paradoxo da ação humana na vida sociocultural. Os desmandos do capitalismo moderno impõem aos atores sociais envolvidos (trabalhadores, empresários, cientistas, artistas, etc.) procedimentos de conduta que, em não raras vezes, apontam para catástrofes pessoais, coletivas, doenças, desgraças naturais e tecnológicas (FREIRE, 2018). Assim, podemos identificar o antigo herói trágico que enfrenta um destino inexorável, transfigurado no cidadão comum de qualquer grande cidade, exposto a fatalidade iminente. Essa visão de uma consciência trágica e fragmentada em contradições proporcionada pelo capitalismo coloca o ser humano, em certa perspectiva, contra si mesmo.

Na contemporaneidade o termo “tragédia” vem sendo utilizado em diferentes meios; seja em notícias televisivas, jornais, revistas, novelas, filmes, ou mesmo no cotidiano da vida sociocultural. Fato é que o termo é amplamente divulgado no mundo moderno. A concepção clássica foi ampliada, reinterpretada e seu entendimento já ultrapassa o contexto do teatro ficcional clássico. Na contemporaneidade o termo é utilizado, na grande maioria das vezes, para representar acontecimentos sociais quase sempre catárticos, vinculados a circunstâncias inesperadas, imprevistas, fortuitas ou abruptas, com repercussões quase sempre fatais, destrutivas ou degradantes das condições de vida de determinados agentes e grupos sociais, em determinadas localidades e regiões.

Nesse sentido, a sociologia contemporânea também não deixou de reinterpretar o conceito. Como exemplo, podemos pensar na “teoria da sociedade de risco”. Para Beck (2011) a produção social da riqueza é acompanhada pela produção social de riscos. Em sua perspectiva, o modelo produtivo e tecnológico adotado na atualidade propicia o surgimento de externalidades negativas que, em muitos casos, sequer podem ser conhecidas ou consideradas (e muito menos percebidas pela sociedade). Esses novos riscos estariam expressos nas contaminações nucleares, químicas, o

mau uso tecnológico, na poluição dos recursos naturais, na aplicação de substâncias tóxicas nos alimentos ou nos efeitos das mudanças climáticas, que, em sua visão, escapam inteiramente à percepção humana imediata. Assim, a sociedade estaria continuamente exposta a riscos ambientais e tecnológicos, porém, sem conhecimento pleno de sua existência e consequências. Para Beck (2011) a sociedade de risco é a sociedade da ciência, da mídia e da informação, sendo estes os instrumentos de disputa e embate entre setores que produzem e consomem riscos. Categoricamente, sentencia que “a sociedade de risco é uma sociedade *catastrófica*” (IBID, 2011, p. 28 – grifo do autor).

A formulação e definição social dos riscos seria, então, produto de um amplo e variado processo de discussão, classificação e ordenamento por parte dos atores sociais. Ou seja, a compreensão dos riscos é na verdade um processo coletivo de legitimação e negociação dinâmica entre agentes (HANNIGAN, 1995; GUIVANT, 1998; FERREIRA, 2006). Na contemporaneidade, com o reconhecimento das múltiplas subjetividades e organizações societárias, amplia-se o repertório de percepções e significados sobre a realidade humana; assim como, a possibilidade de ações e resultados trágicos.

Na sociedade de risco proposta por Beck, o trágico e o catastrófico podem emergir da ação humana através de instituições que desenvolvem e manejam tecnologias, muitas vezes, inapropriadas e insustentáveis. Nesse sentido, o trágico espreita a manipulação de recursos naturais, tecnológicos e sociais. Esse potencial é engendrado e materializado através de uma prática social que tende a se institucionalizar (estatais, empresas, corporações, religiões, etc.); e que busca, de alguma forma, suprir suas necessidades e ambições em detrimento de uma convivência social harmônica.

Para Puppi (1981) foi René Girard que primeiro interpretou a concepção grega da tragédia enquanto denúncia frente a violência institucionalizada imposta pelos deuses gregos do Olimpo; senhores da vida e da morte na presença do destino. Porém, na atualidade, o papel atribuído às divindades gregas foi, de certa forma, deslocado para as instituições políticas e econômicas, pois, são elas que definem os parâmetros e impõem os limites para a experiência humana em sociedade. Assim é possível pensar que:

O conjunto dos componentes externos do fenômeno trágico variou no correr da história da tragédia, acompanhando grosso modo as variações da própria história das ideologias: de mítico-religiosa na origem, se estende e se substitui gradualmente pelo "político", numa primeira passagem, e pelo "social", numa segunda passagem (IBID, 1981, p. 44) .

O reconhecimento sociopolítico de múltiplas subjetividades, identidades e organizações societárias na contemporaneidade ampliou significativamente o repertório de percepções e significados sobre a realidade humana. O progressivo desenvolvimento científico e tecnológico cria um conjunto de artefatos que inundam e alicerçam o cotidiano. No entanto, quando tais artefatos falham, ou se fazem ausentes, então, o trágico espreita sua oportunidade para entrar em cena. No plano institucional a tragédia pode se fazer presente, por exemplo, no descaso em relação a prestação de serviços ou na falta de manutenção de equipamentos públicos. Ou, quem sabe, a tragédia para uma família pode estar na ausência de médicos em urgências ou em acidentes automobilísticos fatais por conta de buracos nas estradas públicas. Ou ainda, no aumento de latrocínios causados pela implantação de uma política de segurança pública precária. A tragédia pode se fazer presente pela incapacidade diplomática em intermediar a paz e amenizar conflitos locais, podendo gerar, inclusive, zonas de guerra. No plano tecnológico o trágico pode ser vivenciado através do uso e manipulação de equipamentos e máquinas que facilitam nosso dia a dia (aviões, carros, elevadores, escadas rolantes, etc.), ou até mesmo através da ingestão de alimentos produzidos a base de petroquímicos e agrotóxicos. A tragédia pode surgir de um curto-circuito, causando um grande incêndio, por meio de um semáforo apagado, causando colisão entre veículos, ou através da explosão de bombas em ataques terroristas por motivações religiosas. Estes podem ser os roteiristas criadores de tragédias modernas. De fato, podemos pensar que esses acontecimentos guardam em si doses de “acaso”, quando, por exemplo, uma ave entra acidentalmente na turbina de um avião. Porém, não podemos perder de vista que qualquer instituição ou artefato tecnológico estará sempre suscetível ao erro e a falha, possibilitando assim a coexistência da utilidade e do risco.

Para Araújo (2016), em seu esboço para uma sociologia com desastres, o trágico deve ser analisado através da desestabilização dos cotidianos locais por acontecimentos extraordinários. Sua estratégia analítica busca interpretar o conjunto de lógicas, ações e processos desencadeados por esses acontecimentos extraordinários na vida das pessoas e das organizações atingidas, no sentido de identificar as mudanças desencadeadas no tecido social após acontecimentos dessa natureza. Sua análise tem como pano de fundo o desabamento do quarto pilar da ponte Hintze Ribeiro, em Castelo de Paiva, Portugal. Esse fato foi responsável pela morte de 59 pessoas. O caso ficou conhecido como a “tragédia do Entre-os-Rios”. Neste contexto, o pesquisador salienta a importância do papel da comunicação social no processo de mobilização institucional para a criação de medidas e ações de reparo (ou mitigação dos efeitos) dos danos causados. O autor avalia que essas medidas não são automáticas, considera na verdade, que é deflagrada uma:

luta que se trava por via de palavras e de imagens e, conseqüentemente, por via das emoções que estas suscitam e dos valores aos quais estas apelam. Participando ativamente dessa luta, a comunicação social confere visibilidade a discursos e narrativas que se situam fora do enquadramento político, pericial ou judicial. Discursos e narrativas que não apenas fornecem interpretações alternativas ao acontecimento como revelam, na sua nudez, o sofrimento provocado pelo acontecimento, o drama humano do acontecimento, conferindo às emoções um caráter politicamente subversivo e um papel orientador da ação política visando à reparação (IBID, 2016, p.82).

Desta forma fica evidente que na sociedade contemporânea existe um “mercado de tragédias”, e como todo mercado, sofre os efeitos (oferta e demanda) da concorrência por atenção pública para mitigação ou reparação de danos.

A trama trágica na contemporaneidade se desenvolve cada vez menos pela “vontade dos deuses”. Hoje, compreendemos melhor as relações de causalidade envolvendo fenômenos naturais (terremotos, tsunamis, chuvas ácidas, etc.). No entanto, mesmo em posse de tais conhecimentos, as instituições não conseguem evitar mortes e desastres. Sejam estes resultados de terremotos, tsunamis, da ocupação irregular de encostas ou de enchentes em residências próximas aos cursos dos rios. Desta forma, a própria sociedade e os seus artefatos tecnológicos propiciam o surgimento de forças destrutivas até então desconhecidas (epidemias, pragas, doenças, etc.) capazes de desestabilizar os tecidos sociais e ambientais ao redor do globo.

4 – Percepções cotidianas: uma análise do trágico através das matérias jornalísticas

Nesta etapa do estudo buscaremos compreender como o conceito do trágico é aplicado e reinterpretado através das matérias jornalísticas de dois dos principais jornais do Estado de Pernambuco, a saber: o Jornal do Commercio (JC) e o Diário de Pernambuco (DP), no período entre 01 a 31 de outubro de 2018, coletados em seus respectivos portais hospedados na *internet*. O critério utilizado para a seleção das notícias foi a ocorrência do termo “tragédia” nas peças jornalísticas (cadernos, títulos, subtítulos e no corpo do texto). Por meio deste procedimento, buscamos compreender o sentido dado ao conceito na contemporaneidade pelos veículos de comunicação, examinando as similitudes e disparidades em relação a concepção grega clássica.

O processo de coleta e análise de conteúdo foi balizado pelas seguintes etapas: a) levantamento de matérias jornalísticas que contivessem a palavra “tragédia” no título ou no corpo do texto; b) busca textual no *Google* e nos próprios portais dos jornais pesquisados citados acima. c) como regra de composição da amostra não foram consideradas peças jornalísticas contendo

opinião pessoal de leitores ou especialistas, privilegiamos notícias puramente descritivas e factuais: fatalidades e acidentes fatais, desastres ambientais, acontecimentos do cotidiano da sociedade, etc. Dois questionamentos nortearam essa fase da pesquisa: como o conceito de tragédia é entendido e contextualizado pelas peças jornalísticas? As concepções atuais do termo “tragédia” guardam algum tipo de similitude ou divergência em relação à concepção grega clássica?

Tabela 1 – Amostra da Pesquisa			
Diário de Pernambuco <i>online</i>			
Nº	Data	Caderno / Categoria	Matéria
01	03/10/2018	Brasil / Minas Gerais	Sai acordo de indenização às vítimas da tragédia de Mariana
02	17/10/2018	Mundo / Rússia	Ataque em colégio politécnico da Crimeia deixa 18 mortos
03	20/10/2018	Mundo / Internacional	Acidente ferroviário durante festival hindu deixa 50 mortos na Índia
04	24/10/2018	Viver / Tragédia	Rapper canadense Jon McMurray morre ao gravar videoclipe
05	25/10/2018	Brasil / Acordo	Ação internacional pela tragédia de Mariana é alvo de onda de boatos
06	29/10/2018	Mundo / Acidente	Avião com 189 pessoas a bordo cai no mar na Indonésia e autoridades não acreditam em sobreviventes
07	29/10/2018	Brasil / Acidente	Jovem morre asfixiada após acidente com o portão de casa em Brasília
08	31/10/2018	Brasil / Verbas	Emendas não serão suficientes para resolver reconstrução do Museu Nacional
Jornal do Commercio <i>online</i>			
Nº	Data	Caderno / Categoria	Matéria
01	02/10/2018	Mundo / Internacional Tragédia	Número de mortos na Indonésia supera os 1.200
02	03/10/2018	Mundo / Brasil Indenização	Sai acordo de indenização a vítimas da tragédia de Mariana
03	04/10/2018	Mundo / Internacional Tragédia	Corrida contra o tempo na Indonésia e alerta para impacto do terremoto nas crianças
04	21/10/2018	Mundo / Internacional Acidente	Descarrilamento de trem deixa 17 mortos em Taiwan
05	24/10/2018	Cultura / Sociedade Falecimento	Rapper canadense morre ao gravar videoclipe
06	26/10/2018	Mundo / Brasil Desastres	Direitos das vítimas da tragédia de Mariana não prescreverão
07	29/10/2018	Esportes / Futebol	Após morte de presidente do Leicester, caixa preta do helicóptero é recuperada

Ao analisar a produção jornalística do Jornal do Commercio e do Diário de Pernambuco publicada no mês de outubro de 2018, à luz dos critérios e procedimentos adotados, quinze matérias jornalísticas enquadraram-se nos parâmetros definidos pela metodologia da pesquisa, conformando-se assim em nossa amostra. Desta forma, realizamos a análise de conteúdo sobre o material coletado e observamos que as matérias jornalísticas quase sempre retratam o trágico dentro de contextos e situações sociais mais ou menos definidas; sempre vinculadas a desastres ambientais, socioambientais e acidentes fatais. Fica evidente que “as regras de uma análise de conteúdo especificam quais os sinais que devem ser classificados e em que categorias. Essas regras são, com efeito, regras semânticas para a linguagem da comunicação a ser analisada.” (JANIS, 1982, p. 55). Com base nesses parâmetros foram criadas três categorias que melhor retratam os contextos aos quais o termo emerge dentro de nossa amostra: a primeira definida como *Tragédia Ambiental* (tendo como regra o conteúdo que expresse “manifestações das forças da natureza”), a segunda como *Tragédia Socioambiental* (tendo como regra o conteúdo que expresse “mau planejamento e gestão humana sobre os recursos naturais”) e a terceira como *Tragédia Causada por Acidente Fatal* (tendo como regra o conteúdo que expresse “imperícia, manejo inadequado de equipamentos e tecnologias”).

No JC identificamos sete matérias jornalísticas que continham o termo objeto de nossa pesquisa. Deste conjunto, duas matérias, uma veiculada no dia 02/10/2018 com o título: *Número de mortos na Indonésia supera os 1.200*, e outra veiculada no dia 04/10/2018 com o título: *Corrida contra o tempo na Indonésia e alerta para impacto do terremoto nas crianças* enquadraram-se na categoria de Tragédia Ambiental. Ambas relatam fatos ocorridos após o terremoto seguido de tsunami que atingiu a ilha de Celebes na Indonésia no dia 28/09/2018. Na primeira matéria o termo tragédia não emerge no título ou no corpo do texto. Ela surge como um subtópico do caderno, como síntese do quadro vivido pelos habitantes da ilha. Relatava naquele momento a morte de 1.200 pessoas. A matéria também ressalta o quadro de fome e sede vivenciado pelos sobreviventes, além de perturbações de ordem social como saques em lojas, demandando uma ação enérgica dos aparelhos policiais. A segunda matéria atualiza o número de mortos, para 1.400 pessoas. Ainda apresenta o número de 2.500 pessoas feridas, relatando o estado de insegurança e a necessidade constante da presença policial. Segundo a ONU, cerca de 200.000 pessoas precisavam de ajuda humanitária e 66.000 casas foram destruídas. A matéria ressalta ainda que as crianças seriam as mais vulneráveis entre os sobreviventes por conta da morte dos pais, as deixando susceptíveis a violência. Novamente o conceito de tragédia é utilizado como categoria síntese para expressar o

conjunto de acontecimentos extraordinários vivenciados, seja pelas mortes ocorridas, ou mesmo, pelo próprio processo de desordem social desencadeado após os fenômenos ambientais.

Agrupamos na categoria de Tragédia Socioambiental duas matérias veiculadas no JC que fazem referência a um mesmo fato. A primeira é no dia 03/10/2018 com o título: *Sai acordo de indenização a vítimas da tragédia de Mariana*, e a outra veiculada no dia 25/10/2018 com o título: *Direitos das vítimas da tragédia de Mariana não prescreverão*. As peças jornalísticas expõem os desdobramentos do maior desastre socioambiental do Brasil até aquele momento (ocorrido no dia 05 de novembro de 2015) com o rompimento da barragem de rejeitos minerais da empresa Samarco no município de Mariana no Estado de Minas Gerais. O desastre foi responsável pela morte direta de 19 pessoas, além de afetar a moradia e os ecossistemas de milhares de pessoas e espécies, com a contaminação dos rios, solos e lençóis freáticos. Sendo assim, a matéria retrata a luta das populações atingidas pelos efeitos do rompimento da barragem em busca de indenizações.

Não podemos perder de vista que o fator causal em Mariana não tem como origem as manifestações naturais; trata-se, na verdade, de uma tragédia engendrada por organizações empresariais e estatais (fiscalização) no manejo imprudente dos dejetos de minério por intermédio de seus recursos humanos e tecnológicos. Por isso a classificamos como uma tragédia socioambiental produto da má gestão humana. A empresa mineradora ao construir a barragem de rejeito, além de não dar as devidas manutenções, operaram o equipamento além da sua capacidade, ocasionando o fato ocorrido. Não se trata, neste caso, de um fenômeno da natureza como um terremoto ou tsunami; é um desastre produto da ação institucional humana ao manipular os recursos naturais de maneira indevida. No entanto a matéria nos deixa a possibilidade de reinterpretar a tragédia não só pelo rompimento da barragem, das mortes e dos desequilíbrios ambientais causados, mas também, pela desatenção e morosidade das instituições em repararem economicamente as pessoas atingidas e, principalmente, o restabelecimento das condições ecológicas das localidades.

Na terceira categoria Tragédia Causada por Acidente Fatal, agrupamos três matérias do JC. A primeira veiculada no dia 21/10/2018 com o título: *Descarrilamento de trem deixa 17 mortos em Taiwan*, a segunda veiculada no dia 24/10/2018 com o título: *Rapper canadense morre ao gravar videoclipe*, e a última veiculada no dia 29/10/2019 com o título: *Após morte de presidente do Leicester, caixa preta do helicóptero é recuperada*. A primeira matéria relata o descarrilamento de um trem no qual morreram 17 pessoas, deixando mais de 100 feridas. As causas do acidente não foram determinadas naquele momento por laudos técnicos. No entanto, especialistas especularam que uma das possíveis causas do acidente seria o não cumprimento de protocolos de funcionamento e segurança ferroviária. Essa

quebra de protocolo poderia ser de ordem humana (em caso de algum problema de operação do maquinista), ou organizacional (falta de monitoramento e controle das vias, manutenção dos trilhos, do trem ou até mesmo má gestão logística). A peça jornalística deixa transparecer que o acidente estaria vinculado principalmente a imprudência e imperícia da ação humana e institucional, no mau uso de tecnologias e equipamentos de uso corriqueiro.

Nesses casos, os riscos são inerentes a própria tecnologia, e se apresentam em forma de acidentes através do mau uso de seus artefatos. Por isso a máxima: um acidente aéreo, geralmente, tem como causa não um, mas uma sequência de eventos encadeados. Essa indeterminação sobre as causas específicas de alguns acidentes, em um primeiro momento, permeia os riscos na utilização dos mais diversos tipos de máquinas. Podemos observar isso no relato da queda do helicóptero que culminou com a morte do presidente do Leicester, e que ainda não possui laudo técnico conclusivo. Em outros casos, a origem do acidente tem como fator a imprudência e a falta de perícia no manejo de tecnologias: a exemplo do acidente ocorrido com o rapper Jon McMurray. De alguma maneira, nesses casos, a tragédia é ocasionada por fatores de risco inerentes às tecnologias em suas formas de uso. É necessário compreender que essas tragédias não resultam de algo inesperado ou fortuito, na verdade, são acontecimentos possíveis e previsíveis, tanto pela intensidade no uso de máquinas, ou pelo manejo inadequado dessas ferramentas em nosso cotidiano.

Na amostra coletada no DP identificamos oito matérias jornalísticas contendo o termo tragédia. Após leitura e análise da amostra oriunda do DP, elaboramos uma nova categoria buscando descrever o contexto no qual termo tragédia é aplicado. Assim, definimos e acrescentamos a quarta categoria de análise: Tragédia Causada por Atentado Fatal.

Duas matérias do DP enquadraram-se na categoria Tragédia Socioambiental relacionadas ao caso do rompimento da barragem do Fundão em Mariana; uma no dia 03/10/2018 com o título: *Sai acordo de indenização a vítimas da tragédia de Mariana*, e outra no dia 25/10/2018 com o título: *Ação internacional pela tragédia de Mariana é alvo de onda de boatos*. A primeira matéria possui conteúdo factual e o uso do termo tragédia é utilizado de forma similar a matéria do JC. A segunda matéria retrata os problemas decorrentes de processos de informação e contrainformação sofridos pelas populações atingidas na busca de seus direitos e indenizações. A grosso modo, as instituições têm demonstrado grande dificuldade na operacionalização efetiva dos mecanismos legais de reparação dos danos físicos, morais, econômicos, sociais e ambientais causados a essas populações.

A maior parte das peças jornalísticas extraídas do DP foram agrupadas na categoria Tragédia Causada por Acidente Fatal. Identificamos 05 (cinco) matérias que retratavam essas

circunstâncias. A primeira veiculada no dia 20/10/2018 com o título: *Acidente ferroviário durante festival hindu deixa 50 mortos na Índia*, a segunda veiculada no dia 24/10/2018 com o título: *Rapper canadense morre ao gravar videoclipe*, e a terceira e quarta veiculadas no dia 29/10/2019 com os títulos: *Jovem morre asfixiada após acidente com o portão de casa em Brasília* e *Avião com 189 pessoas a bordo cai no mar na Indonésia e autoridades não acreditam em sobreviventes*, e a última publicada no dia 31/10/2018 com o título: *Emendas não serão suficientes para resolver reconstrução do Museu Nacional*.

A correlação do conceito de tragédia com a categoria Tragédia Causada por Atentado Fatal é identificada na matéria publicada no dia 17/10/2018 sobre o título: *Ataque em colégio politécnico da Crimeia deixa 18 mortos*. A reportagem narra que possivelmente um aluno do ensino médio em Kerch, na Crimeia, teria matado 17 pessoas, ferido 40 e logo depois teria cometido suicídio. As autoridades ainda estariam em processo de identificação da autoria e das motivações do atentado criminoso.

Assim, nos cabe neste momento, realizar uma inferência a partir das linhas teóricas (filosóficas e sociológicas) apresentadas anteriormente, com o material empírico coletado. Desta forma, teceremos algumas considerações relativas às similitudes e disparidades do sentido contemporâneo de tragédia em relação concepção clássica. Em relação às similitudes verificamos que o tema da finitude humana é presente em ambas as concepções do trágico. Tanto na concepção grega, quanto na concepção contemporânea, a finitude abrupta é um ponto focal de convergência entre todos os elementos textuais e imagéticos, seja no teatro grego antigo, seja nas matérias de jornais contemporâneas. A morte trágica de outrem nos lança em um certo tipo de horizonte reflexivo sobre a fragilidade humana, como um espectador teatral, mas, nesse caso, na visualização de fatos reais; vivemos o teatro da vida. Talvez, em grandes catástrofes, o efeito de catarse (*kátharsis*) e empatia - como já analisado por Aristóteles na *Poética* - pode surgir no público leitor. Sentimentos característicos da tragédia literária grega como o medo (*φόβος*) e a piedade (*ἔλεος*), transportam o espectador para o cerne do desastre, colocando-o no lugar das vítimas. Afinal, alguns desastres fortuitos podem ocorrer a qualquer um, em qualquer lugar, a qualquer hora.

A comoção que essas notícias causam podem nos ajudar a reviver a figura do “herói trágico” através de uma reinterpretação contemporânea. O sacrifício em meio à grandes feitos nacionais, como nos casos das mortes trágicas do piloto Ayrton Senna e do grupo musical Mamonas Assassinas, podem indicar essa perspectiva. A relação do heroísmo e da tragédia, de certa forma, ainda permanece presente na contemporaneidade. Ou seja, a experiência catártica do derradeiro “canto do bode” (*τραγῳδία*) – que leva em consideração um sacrifício – tem como fim uma certa “purificação” social. Enquanto representação da expiação do herói, podemos identificar certos

elementos trágicos em notícias jornalísticas como as já citadas. Celebidades ou pessoas comuns - enquanto “heróis trágicos” da contemporaneidade - podem figurar como modelo de superação das dificuldades, dignidade e perseverança. Os heróis surgem em cenários trágicos.

Por outro lado, a concepção trágica contemporânea guarda profundas disparidades em relação ao conceito grego clássico. Em primeiro lugar, analisamos que em peças de Sófocles, Eurípedes e Ésquilo, o papel dos deuses gregos e do destino é fundamental. O herói não tem escolha sobre o seu próprio destino. Colocado em uma trama existencial, o herói participa de um jogo onde, por mais que lute, o seu destino já está traçado. Como proposto por Beck (2011), a sociedade de risco seria produto de um padrão de organização social que privilegia a produção de riqueza e consumo, em detrimento de qualquer tipo de equilíbrio “cósmico”, coletivo ou ambiental. De algum modo, a concepção trágica do mundo grego concebia a humanidade como uma dimensão entre tantas outras no cosmos (κόσμος), vinculada a uma ordem superior. É possível pensar que o sentido atribuído ao trágico na contemporaneidade esteja ligado, de maneira mais direta, a qualquer tipo de acontecimento extraordinário (ARAÚJO, 2016) que ocasione: a morte de pessoas, a quebra da ordem social, a degradação ambiental, ou até mesmo, afete os ritmos e os fluxos do sistema produtivo e financeiro apregoados pelo capitalismo, do *just in time*. No caso da “tragédia de Mariana” e do “tsunami na Indonésia”, ambos indicam riscos inerentes que poderiam ter sido evitados. No primeiro, o rompimento da barragem foi causado por falhas de manutenção e de projeto. No segundo, mesmo o terremoto sendo um fenômeno puramente natural, o sistema de alarme da agência meteorológica local foi desligado após 28 minutos e o plano de evacuação por risco de tsunami falhou, causando a morte de centenas de pessoas. As instituições humanas, e não os deuses, foram responsáveis por esses destinos trágicos. Poderíamos, inclusive nos questionar: seriam nossas instituições, essencialmente, trágicas?

5 – Considerações finais

O conceito e a experiência trágica são amplamente difundidas na literatura, cinema, música, teatro, ou seja, na sociedade em geral. Por se tratar de um primeiro estudo exploratório, verificamos que o conceito de tragédia – por sua dimensão, complexidade e amplitude histórica – ainda guarda diversos aspectos não abordados no presente estudo. Afinal, esse não é um tema que pode ser esgotado em poucas páginas. Porém, chegamos à algumas conclusões que aderem às hipóteses levantadas, principalmente as dissimilaridades apontadas através da teoria da sociedade de risco proposta por Beck. Na sociedade de risco (ou dos desastres), de uma forma ou de outra, podemos afirmar que tanto quando os gregos da antiguidade, ainda vivemos em um mundo trágico, porém,

uma tragédia institucional e institucionalizada. É importante ressaltar que a dissociação da tragédia em relação à religião é um fator que diverge, e muito, do sentido grego clássico como pontuamos em nossa análise.

Neste estudo em particular focamos apenas na compreensão do uso do conceito na esfera da comunicação social, sendo também relevante investigar outros ambientes, a exemplo: o meio governamental, empresarial, religioso, esportivo, abrangendo diversos outros setores, podendo o presente estudo se ramificar em futuras incursões no plano empírico. O âmbito teórico mostra-se um campo fértil para esse tipo de investigação. Um exemplo deste tipo de esforço são os estudos de Freire (2018), no qual apresenta as influências do espectro trágico no plano interpretativo e sociológico de Simmel e Weber, demonstrando como essa perspectiva permeia o marco teórico das ciências sociais. Desta forma, nos parece proveitoso o desenvolvimento de estudos (teóricos ou empíricos) voltados para um certo tipo de “epistemologia trágica” do fazer sociológico.

Também nos parece ser deveras promissor a realização de outras pesquisas que enfoquem o sentido do termo numa dimensão psicossocial, buscando entender como os indivíduos (a partir de suas subjetividades e de seus repertórios sociais) enquadram e (re)significam o trágico em suas experiências cotidianas. Para tal empreendimento, acreditamos que seja bastante enriquecedor a utilização da pesquisa social interpretativa como proposta por Rosenthal (2014).

6 – Referências Bibliográficas

ANDRADE, Cláudia. 2013. *Coro: corpo coletivo e espaço poético*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-0521-0 Disponível em: <https://pombalina.uc.pt/files/previews/90689_preview.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

ARAÚJO, Pedro. 2016. *Esboço de uma sociologia com desastres: o caso da tragédia de Entre-os-Rios*. *Análise Social*, n 218, vol. LI, primeiro trimestre.

ARISTÓTELES. 2007. *A Poética de Aristóteles*. Tradução e notas de Ana Maria Valente, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

_____. *Poética*. 1994. Tradução e comentários de Eudoro de Souza. Brasília: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda.

_____. *Poética*. 2008. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BECK, Ulrich. 2011. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução de Sebastião Nascimento, editora 34, São Paulo, 2 edição.

Diário de Pernambuco online. Emendas não serão suficientes para resolver reconstrução do Museu Nacional. Caderno: Brasil, Recife, 31/10/2018. Disponível em:

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2018/10/31/interna_brasil,767024/emendas-nao-serao-suficientes-para-resolver-reconstrucao-do-museu-naci.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Jovem morre asfixiada após acidente com o portão de casa em Brasília. Caderno: Brasil, Recife, 29/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2018/10/29/interna_brasil,766822/jovem-morre-asfixiada-apos-acidente-com-o-portao-de-casa-em-brasilia.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Avião com 189 pessoas a bordo cai no mar na Indonésia e autoridades não acreditam em sobreviventes. Caderno: Internacional, Recife, Publicação do dia 29/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2018/10/29/interna_mundo,766785/aviao-com-189-pessoas-a-bordo-cai-no-mar-na-indonesia-e-autoridades-na.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Ação internacional pela tragédia de Mariana é alvo de onda de boatos. Caderno: Brasil, Recife, 25/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2018/10/25/interna_brasil,766417/acao-internacional-pela-tragedia-de-mariana-e-alvo-de-onda-de-boatos.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Rapper canadense Jon McMurray morre ao gravar videoclipe. Caderno: Internacional, Recife, 24/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2018/10/24/internas_viver,766345/rapper-canadense-jon-mcmurray-morre-ao-gravar-videoclipe.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Acidente ferroviário durante festival hindu deixa 50 mortos na Índia. Caderno: Internacional, Recife, 20/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2018/10/20/interna_mundo,766008/acidente-ferroviario-durante-festival-hindu-deixa-50-mortos-na-india.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Ataque em colégio politécnico da Crimeia deixa 18 mortos. Caderno: Brasil, Recife, 17/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2018/10/17/interna_mundo,765698/explosao-em-escola-tecnica-deixa-10-mortos-na-crimea.shtml Acesso em: 01/11/2018

Diário de Pernambuco online. Sai acordo de indenização a vítimas da tragédia de Mariana. Caderno: Brasil, Recife, 03/10/2018. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2018/10/03/interna_brasil,764489/sai-acordo-de-indenizacao-a-vitimas-da-tragedia-de-mariana.shtml Acesso em: 01/11/2018

FERREIRA. 2006. Leila da Costa. Ideias Para Uma Sociologia da Questão Ambiental no Brasil. São Paulo: Annablume, 3 edição.

FREIRE, Alyson T. F. 2018. O trágico nas sociologias de Georg Simmel e Max Weber. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, n. 48, maio-ago, p. 212-244. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004813>

FLICK, Uwe. 2009. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª. ed. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre, Artmed, .

GUIVANT, Julia S. 1998. A Trajetória das Análises de Risco: Da Periferia ao Centro da Teoria Social. *BIB - Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, n.º46. 2 semestre. pp. 3-38, .

HANNIGAN, John A. 1997. *Sociologia Ambiental: A Formação de uma Perspectiva Social*. Lisboa. Instituto Piaget, .

JANIS, I. L. 1982. O problema da validação da análise de conteúdo. In: LASSWELL, H; KAPLAN, A. *A linguagem da política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

Jornal do Comércio online. Após morte de presidente do Leicester, caixa preta do helicóptero é recuperada. Caderno: Esportes, Recife, 29/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/esportes/futebol/noticia/2018/10/29/apos-morte-de-presidente-do-leicester-caixa-preta-do-helicoptero-e-recuperada-360122.php>. Acesso em: 01/11/2018.

Jornal do Comércio online. Direitos das vítimas da tragédia de Mariana não prescreverão. Caderno: Brasil, Recife, 26/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2018/10/26/direitos-das-vitimas-da-tragedia-de-mariana-nao-prescreverao-359801.php>. Acesso em: 01/11/2018

Jornal do Comércio online. Descarrilamento de trem deixa 17 mortos em Taiwan. Caderno: Internacional, Recife, 21/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2018/10/21/descarrilamento-de-trem-deixa-17-mortos-em-taiwan-359117.php>. Acesso em: 01/11/2018

Jornal do Comércio online. Rapper canadense morre ao gravar videoclipe. Caderno: Cultura, Recife, 24/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2018/10/24/rapper-canadense-morre-ao-gravar-videoclipe-359452.php>. Acesso em: 01/11/2018

Jornal do Comércio online. – Corrida contra o tempo na Indonésia e alerta para impacto do terremoto nas crianças. Caderno: Internacional, Recife, 04/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2018/10/04/corrida-contra-o-tempo-na-indonesia-e-alerta-para-impacto-do-terremoto-nas-criancas-357187.php>. Acesso em: 01/11/2018

Jornal do Comércio online. Sai acordo de indenização a vítimas da tragédia de Mariana. Caderno: Brasil, Recife, 03/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2018/10/03/sai-acordo-de-indenizacao-a-vitimas-da-tragedia-de-mariana-357082.php>. Acesso em: 01/11/2018

Jornal do Comércio online. Número de mortos na Indonésia supera os 1.200. Caderno: Internacional, Recife, 02/10/2018. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2018/10/02/numero-de-mortos-na-indonesia-supera-os-1200-356865.php> Acesso em: 01/11/2018

NIETZSCHE, Friedrich W. 1991. O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo. Tradução, Notas e Posfácio de Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras.

PUPPI, Ubaldo. 1981. O Trágico: Experiência e Conceito. Trans/Form/Ação, São Paulo 4:41 ·50.

ROSENTHAL, Gabriele. 2014. Pesquisa Social Interpretativa: uma introdução. Tradução: Tomás da Costa, 5 edição, Porto Alegre, EDIPUCRS.

TRABULSI, José Antônio Dabdab. As Festas Políades. In:____: Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da época clássica. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2004.